

18º Congresso Brasileiro de Sociologia
26 a 29 de julho de 2017, Brasília (DF)

GT09: Pensamento Social no Brasil

ANTONIO CANDIDO: DESAFIOS E LIMITES DA CRÍTICA

Alexandro Henrique Paixão

Universidade Estadual de Campinas - Unicamp
Faculdade de Educação
Departamento de Ciências Sociais na Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Contato: ahpaixao@unicamp.br

ANTONIO CANDIDO: DESAFIOS E LIMITES DA CRÍTICA¹

A obra de Antonio Candido (1918-2017) estaria inscrita dentro daquilo que podemos chamar de uma *poesia do coração e a prosa das relações sociais*. Primeiramente, “poesia do coração e prosa das relações” foi um tema que Hegel, em uma obra intitulada *Aulas sobre a Estética* (1835) [na versão em português *Curso de Estética*], analisou a partir do romance do século XVIII e XIX. Ao descrevê-lo como a moderna epopéia burguesa, Hegel sugeria que a realidade social, que ali aparecia organizada em “forma de prosa”, representava tantos os dilemas sociais da época quanto os problemas do coração humano, sendo, por isso, uma fonte inesgotável de conhecimento aonde os estudiosos da literatura, como os escritores, os críticos, os filósofos, os historiadores etc., poderiam se debruçar para encontrar explicações sobre a sociedade industrial ou moderna, que se desenvolvia naquele momento. Essa interpretação de Hegel do romance foi, na verdade, retomada no final da década de 1960, por Wolf Lepenies, em sua obra intitulada *As três culturas*. Ali, Lepenies, além de (1) investigar a formação da sociologia, situando-a entre as ciências naturais e a literatura; (2) apresentar as constantes disputas e dilemas travados pela sociologia diante dos grupos intelectuais estabelecidos e, ao mesmo tempo, antagônicos aos novos procedimentos científicos e (3) demonstrar a ocorrência disto em três diferentes países (França, Inglaterra e Alemanha), vai reelaborar a temática de Hegel em outras bases – antes de Lepenies, coube, sobretudo, a Georg Lukács e a Erich Auerbach a reinterpretação do romance como epopéia burguesa. Segundo Lepenies, ao lado do romance ou da literatura como um todo, teria surgido uma nova disciplina, a sociologia, que passaria a disputar com a literatura, no século XIX, a primazia do conhecimento da realidade. Por outras palavras, o que estou tentando formular, retomando, em passos rápidos, o estudo de Lepenies, é a seguinte hipótese: existe uma

¹ Este trabalho nasceu originalmente de uma palestra voltada à disciplina “Pensamento social brasileiro”, coordenada pela Prof^a. Dr^a. Célia Tolentino, do Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências, da UNESP-Marília, ministrada no dia 24 de outubro de 2008, com o título “A poesia do coração e a prosa das relações sociais na perspectiva de Antonio Candido. De lá para cá, dei novas direções para a discussão, bem como desenvolvi e concluí recentemente (novembro/2016) uma pesquisa financiada pela FAFESP (Processo nº 12370-0/2014), em que Antonio Candido figura como um dos meus objetos de estudo.

disputa entre a poesia (literatura) e a prosa das relações sociais (sociologia) pela primazia do conhecimento da realidade no século XIX, que, segundo Lepenies, vai se alastrar pelo século XX afora, e que para nós, vai atravessar o Atlântico e alcançar Antonio Candido – não preciso dizer o quanto esta disputa é sentida ainda hoje! Enfim, o fato é que esse conflito do século XIX, do século XX e do século XXI, foi sentido por Antonio Candido na década de 1940/50, quando ele escrevia sua tese de livre-docência na Universidade de São Paulo, em 1945, e ainda não sabia que iria ocupar a Cadeira da disciplina Teoria Literária e Literatura Comparada, sendo, então, levado, por questões institucionais e também intelectuais a optar por um dos lados, o da sociologia ou da literatura – Candido escolheu a literatura.

Partindo dessas ponderações, vemos que, desde que a sociologia nasceu e lutou para conquistar seu lugar nas academias e universidades, comprovando sua autonomia enquanto disciplina, ela começou a disputar com a literatura, já estabelecida na universidade, *a primazia pelo conhecimento da realidade social*. Isso porque, antes de a sociologia ser sistematizada por Émile Durkheim na França ou na Alemanha por Ferdinand Tönnies, Georg Simmel e depois Max Weber, no final do século XIX e início do XX, passando a oferecer ferramentas heurísticas (métodos interpretativos) da sociedade, ela foi desafiada pela literatura. Porque antes cabia, sobretudo, aos romances a função de narrar e descrever a sociedade moderna. Segundo Lepenies, romancistas como Balzac, em *a Comédia Humana*, Charles Dickens, em *Tempos Difíceis*, ou Goethe, em *Werther*, não apenas retratavam a sociedade de modo adequado e sentimental em suas obras, como ofereciam modelos àqueles que pretendiam elaborar uma nova visão de mundo para a sociedade urbana e industrial que se desenvolvia e carecia de reflexão. Cito, a título de ilustração, Durkheim que, em sua obra *O suicídio*,² indica o personagem Wether, de Goethe, como um exemplo de “suicido anômico”; ou Karl Marx que, no volume III de *Capital*, atribui ao romance de Balzac um estatuto de verdade inquestionável, que, diga-se de passagem, merece ser retomado:

² Émile Durkheim. “Formes individuelles des différents types de suicides”. In: *Le Suicide Étude de sociologie - Livre Deuxième: Causes sociales et types sociaux* (1897), p. 130. Disponível em: http://classics.uqac.ca/classics/durkheim_emile/durkheim.html; acesso em junho/2017.

[...] Em seu último romance, *Les Paysans*, Balzac sobretudo excelente pela profunda compreensão das condições reais, descreve magistralmente como o pequeno camponês, para conservar a boa vontade de seu usuário, faz para ele de graça toda espécie de trabalho e acredita que nada lhe dá de presente porque seu próprio trabalho não lhe custa nenhuma despesa em dinheiro.³

A questão levantada é polêmica, e só não irei desenvolvê-la porque, para isso, teríamos que discutir sobre a dimensão estética presente em Marx e Durkheim e esse não é meu interesse aqui. O que eu busco, portanto, com esta citação de Marx, é evidenciar e hiperdimensionar a hipótese de Lepenies, inspirada em Hegel, bem como enfatizar que se o romance possuía esse estatuto de verdade e, portanto, de verossimilhança, a sociologia para dar conta da interpretação da sociedade e do romance, assim como fazia a literatura, terá que se valer de determinadas formas de conhecimento e convencimento, o que implicaria ultrapassar as suas fronteiras, partilhando não somente do conhecimento histórico e estatístico, mas também da estética, da filosofia, das ciências naturais, sem os quais ela não poderia oferecer uma interpretação adequada da realidade. Contudo, o que se observa com o passar dos anos é que com a institucionalização da sociologia e seu desenvolvimento enquanto ciência social, essa disciplina interessada no indivíduo e na sociedade desenvolveu métodos mais adequados e precisos de análise e interpretação da realidade, ganhando notoriedade e vários espaços de poder dentro das universidades espalhadas pelo ocidente;⁴ entretanto, nesse processo de desenvolvimento, observa-se que a sociologia ficou mais próxima do cientificismo, da fria razão, da prosa das relações sociais, do que do sentimento, da poesia do coração, tão necessários à interpretação da literatura, deixando a impressão de que o mundo ficara dividido em duas correntes do pensamento – de um lado, a razão e a sociologia cientificista e, de outro, o sentimento e a literatura do coração. Sobre isso, comenta Wolf Lepenies:

[...] à sociologia, como uma disciplina da fria razão que busca compreender, com quantidades e números, as estruturas e leis do movimento da moderna sociedade industrial e, com isso, apenas distancia ainda mais os homens de si mesmos e do mundo ao redor,

³ Karl Marx. “A transformação da mais-valia em lucro e da taxa de mais-valia em taxa de lucro”. In: *O Capital*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 31, Vol. III, Tomo I, Seção I.

⁴ Além da obra de Wolf Lepenies, indico àqueles interessados na formação e no desenvolvimento da sociologia dentro da universidade, a obra de Fritz K. Ringer. *O declínio dos mandarins alemães: a comunidade acadêmica alemã, 1890-1933*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

contrapõe-se uma literatura cuja intuição vê mais além que as análises dos sociólogos, e cuja capacidade de falar do coração do homem deve ser preferida aos resultados de uma disciplina que erroneamente se crê a ciência natural da sociedade.⁵

O que se observa, contudo, a despeito dos sucessos e insucessos das duas disciplinas, é que a busca pelo conhecimento da realidade social é fundante nas ciências sociais e na ciência da literatura, ainda mais quando a própria obra literária é vista como um fato social, que carece de reflexão. Esta competição de que Lepenies trata na França, na Inglaterra e depois Alemanha, conforme destaquei, vai aparecer no Brasil nas décadas de 1940 e 1950, quando um jovem doutor em sociologia, envolvido intelectual e institucionalmente na formação e ampliação dos departamentos da Universidade de São Paulo, tem a oportunidade de criar um outro departamento de estudos, para além da sociologia, e se firmar como uma referência em um campo ainda desconhecido no Brasil, chamado Teoria Literária e Literatura Comparada. Neste momento, e não é à toa, pois as questões institucionais sempre interferem nas questões da vida do espírito, Candido não vai poupar esforços para sedimentar o seu novo projeto intelectual, que se resume, inicialmente, na elaboração de um programa onde o questionamento dos métodos sociológicos – métodos estes que lhe foram tão úteis em seu doutoramento e tese de livre-docência – devem ter sua legitimidade e *status* questionados em função de um novo programa de estudos, que se transmuta em método, chamado “crítica integrativa”.⁶

I.

Trata-se de um desafio epistemológico, orientado para construir um novo programa de ensino e pesquisa para além da sociologia e estética. O testemunho disso, vem do próprio Antonio Candido:

Pensando na minha vida intelectual na idade avançada em que estou, penso que ela se orientou instintivamente, mas depois

⁵ Wolf Lepenies. *As três culturas*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 23.

⁶ A tese de que Antonio Candido estava interessado em forjar e garantir uma posição no campo intelectual brasileiro que se formava, bem como o desenvolvimento de uma nova disciplina, mais apta ao conhecimento da obra literária, foi assunto, guardadas as proporções, em: Heloísa Pontes. *Destinos mistos. Os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-68)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; Leopoldo Waizbort. *A passagem do três ao um*. São Paulo: Cosac Naify, 2007; conferir também Paulo Arantes. “Providência de um crítico literário na periferia do capitalismo”. In: Paulo Arantes e Otilia Arantes, *Sentido da formação*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

conscientemente, no sentido de elaborar um “ponto de vista” para olhar e tentar compreender a realidade. Sobretudo por meio da literatura, mas com apoio nas ciências sociais e na arte. Quanto a ser ou não canônico sob o aspecto acadêmico, foi coisa que a partir de certa altura passei a não levar em conta. E minha formação compósita ajudou isso. Quando eu era jovem, havia na Faculdade de Filosofia certa mania de “especificidade”, cuja origem era durkheimiana: o específico sociológico, o específico econômico, o específico antropológico, com o medo correspondente de não ser científico. Mas Roger Bastide não pensava assim. Lembro que certa vez me perguntou com ia indo a elaboração de minha tese (que se arrastou muitos anos). Eu informei e disse que estava com medo de ela não ser realmente sociológica. Ele retrucou prontamente: “O importante não é que seja ou não sociológica, mas que seja boa”. Creio que possa caracterizar minha carreira como um afastamento cada vez maior do “específico”, em busca de um modo aberto e integrativo, que passa por cima das divisões acadêmicas para chegar a um “ponto de vista” coerente. Isso porque talvez eu seja um ensaísta, na medida em que gosto de jogar com os sentidos possíveis e de relativizar as conclusões, embora procure dar cunho sistemático às análises.⁷

O texto é auto-explicativo, mas eu gostaria de enfatizar a tentativa de diferenciação entre o que a sociologia científicista é, e aquilo que Candido agora pretende, já que não é mais sociólogo e sim um ensaísta. Na verdade, esse posicionamento crítico em relação à sociologia pode ser encontrado referenciado em *Literatura e sociedade*, livro publicado em 1965, quando Candido já ocupava a Cadeira de Teoria Literária e Literatura Comparada. Nesta obra, ele destaca o valor da sociologia, bem como da Antropologia, haja vista que em vários momentos Bronislaw Malinowski, Frans Boas, Evans-Pritchard, Levis-Strauss estão presentes para explicar, entre outras coisas, a relação entre a magia e a sociedade, os rituais artísticos primitivos e a comunidade arcaica etc. Assim sendo, Candido na primeira parte do livro – intitulada “Crítica e sociologia”, “A literatura e a vida social” e “Estímulos da criação literária” –, esboça quanto os métodos sociológicos e antropológicos são adequados para pensar certos assuntos como as comunidades, as sociedades rústicas ou a urbana, as manifestações artísticas coletivas, como o folclore etc; contudo, quando o assunto passa do “mundo primitivo” para o “mundo civilizado”, no âmbito das literaturas, Candido defende a opinião de que a sociologia deve abdicar desse campo do conhecimento, caso contrário, corre o risco de “[...] ser acusada de onívora e totalitária

⁷ Antonio Candido. “Os vários mundos de um humanista”. In: *Ciência hoje*, v. 16, nº 91, 1993, p. 35 (entrevista).

[por] pretender o lugar da teoria literária”.⁸ Por outras palavras, essa primeira parte de *Literatura e sociedade* pode ser vista como uma tentativa de esclarecimento dos *limites* da sociologia no estudo da literatura, bem como dos *desafios* de um novo programa de estudos construído a partir de um outro “ponto de vista”, por ele chamado ora de “crítica” ora de “crítica integrativa” ou “integradora”, a única, suficientemente, preparada a realizar os estudos literários adequadamente. E é sobre os desafios da crítica integradora na análise e interpretação da literatura e os limites da sociologia, que eu quero me deter agora.

II.

Em junho de 2003, tive a oportunidade de participar de uma aula-depoimento de Antonio Candido na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.⁹ Naquela ocasião, mesmo tomado de euforia e ansiedade por estar diante do mestre, consegui ficar atento aos seus relatos sobre as experiências acadêmicas e pessoais, seus desenganos e entusiasmos com a política nacional e internacional, além dos causos acadêmicos que são triviais nessas ocasiões, mas, sobretudo, chamaram minha atenção alguns versos que Candido citou naquela tarde; versos esses que até aquele momento eu desconhecia. Candido nos alertou, antes de proferir os versos, de que eles serviriam de mote para aquela aula-testemunho que havia preparado. Os versos foram tirados do famoso poema de Théophile Gautier (1811-1872), intitulado “A arte”, e Candido declamou a estrofe de número 11, que figura o seguinte: “Le buste Survit à la cité”. Traduzindo, “o busto sobrevive à cidade”, ou seja, o poema romântico refere-se ao busto, às artes plásticas, como a escultura; entretanto, Candido nos disse que se valia dele para dizer o seguinte: “... que a literatura sobrevive à sociedade, isto é, que a sociedade passa e a literatura fica”. A questão é polêmica e não pretendo esgotá-la aqui. No entanto, ela nos conduz ao nosso ponto de partida, qual seja, a relação conflituosa entre literatura e sociedade, entre texto e contexto. Na verdade, se considerarmos a crítica de Candido à sociologia, mais sua posição social bem-sucedida no campo intelectual brasileiro, poderíamos interpretar tais versos como um esboço de auto-análise, uma vez que, se a sociedade passa e a literatura fica, quem detiver o conhecimento adequado da

⁸ Antonio Candido. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000, p. 43 – *interpolação por minha conta*.

⁹ A aula-depoimento aconteceu dentro da disciplina do Prof.^a Joaquim Alves de Aguiar, do curso de Letras da USP.

obra de arte permanecerá vivo conjuntamente com ela; assim, o sociólogo, por deter “somente” o conhecimento da sociedade, estaria fadado ao desaparecimento. Se insistirmos no ponto, poderíamos dizer que Candido, ao citar o poema, estava marcando uma diferença central entre aqueles que se ocupam “somente” da sociedade e que desaparecerão juntamente com ela, e que aqueles, incluindo ele, que estão de mãos dadas com a literatura e permanecerão vivos ao lado dela. Entretanto, sem abrir mão desta possível leitura, gostaria de indicar também uma outra, e que exprime, na verdade, a visão intemporal que Candido defende da literatura. Para ele, é graças a essa intemporalidade, que ainda hoje podemos nos deleitar com Homero, Virgílio, Dante, Cervantes, Goethe, Virginia Woolf, Machado de Assis, Fernando Pessoa, Cecília Meireles, entre tanto outros escritores ou outras escritoras, e conhecer suas veredas, indagar sobre o seu mundo, sua moral, suas leis, suas virtudes e contradições, bem como sentirmos, enquanto leitores, que apesar de não tratarem do nosso tempo, nos dão a impressão de que estamos frente a realidades vitais ou diante da maior verdade narrada sobre determinado tempo e espaço. E é sobre esta aparência de verdade que a literatura figura ou este sentimento de realidade ali expostos, que Candido entende que a sociologia não conseguiu interpretar coerentemente o texto literário, na medida em que esteve sempre ocupada com a razão, com o cientificismo e ao mesmo tempo resistente ao sentimento, à poesia do coração, à estética, que são elementos internos tão importantes e explicativos quanto os externos. E a crítica de Candido não pára por aí, para ele caberá somente à crítica literária a função de desempenhar esse papel analítico-interpretativo de forma coerente, apresentando os limites da sociologia e os desafios da crítica.

Mas se a literatura sobrevive à sociedade, conforme anuncia Candido, quem pode nos dar uma resposta adequada a esta intemporalidade é Ernst Robert Curtius:

Para a literatura, todo o passado é presente ou pode vir a ser. Com uma nova tradução e Homero nos é novamente apresentado [...] Posso valer-me de Homero e Platão a qualquer instante; “tenho-os” à mão e possuo-os por inteiro. Existem em inúmeros exemplares. Só existe um Partenon e uma Basílica de São Pedro; mediante fotografias, posso contemplá-los apenas parcial e obscuramente. Mas as fotografias não me dão o mármore, não podemos tocá-los nem passear por eles, como na *Odisséia* ou na *Divina Comédia*. No livro, a poesia está realmente presente. Não “posso” um Ticiano, nem mediante fotografia nem na mais perfeita cópia, mesmo que se pudesse comprá-la por alguns marcos. Com a literatura de todos os tempos e povos posso ter relações de vida imediatas, íntimas,

plenas; com as artes figurativas não. As obras de arte, devo procura-las nos museus. O livro é muito mais real do que o quadro. Nele há uma relação ontológica e a real participação numa existência intelectual [...] Abstraindo de tudo o mais, um livro é um “texto”. Podemos entendê-lo ou não. Encerrará talvez passagens “difíceis”. Para explicá-las, necessita-se de uma técnica – a filologia [...] A possibilidade de ter-se, em qualquer tempo, Homero, Virgílio, Dante, Shakespeare ou Goethe “por inteiro” demonstra que a literatura tem maneira de existir diversa da arte. Conclui-se, então, que a criação literária sujeita-se a leis diferentes das normas artísticas. O “presente intemporal”, essencialmente peculiar às Letras, mostra que a literatura do passado pode continuar atuante na do presente.¹⁰

A referência a Curtius é oportuna por vários motivos que não tenho condições de analisar agora, mas posso indicar, a título de ilustração, que este filólogo alemão, juntamente com Erich Auerbach, terminaram contribuindo, decisivamente, com os estudos de Antonio Candido sobre a literatura brasileira e estrangeira.¹¹ Vale destacar, dentro de um pequeno parêntese, que a presença de Curtius, no Brasil, também pode ser notada nos escritos de Sérgio Buarque de Holanda, especialmente, na idéia de *topoi* ou tópica, que na citação aparece como “presente intemporal” e que Sergio Buarque apresenta em duas de suas obras, mais conhecidas pelos títulos: *Visão do Paraíso. Motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil* (1959) e *Capítulos de literatura colonial* (1991) – fecha parêntese. Retomando: se a filologia oferece as técnicas para explicar as obras literárias internamente, poderíamos acrescentar que caberá à sociologia explicar, a partir de elementos externos, o quanto é importante para se ter Homero a cada tradução ou Machado de Assis a cada reedição, o papel dos editores ou dos leitores, por sua vez, responsáveis pela circulação e consumo dos livros literários. Neste sentido, a sobrevivência da literatura dependeria tanto da filologia, que oferece uma explicação adequada do texto, quanto da sociologia, que reflete sobre as circunstâncias que permitem um livro como Homero ainda ser traduzido depois de tantos séculos. Na verdade, estou colocando a questão nestes termos, isto é, diferenciando e apontando a função de cada uma das ciências (filologia de um lado e sociologia de outro), na medida em que para Candido esta separação ou divisão do trabalho intelectual no campo da literatura será tão importante quanto necessária. Em *Literatura e sociedade*, por exemplo, ele comenta que

¹⁰ Ernst Robert Curtius. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1996, p. 46.

¹¹ Para aprofundamento da questão, conferir Leopoldo Waizbort, “Senso das coalescências e sentimento da realidade”, *In: A passagem do três ao um, op. cit.*, pp. 98-101.

uma forma coerente da sociologia contribuir aos estudos de literatura é analisar a relação da obra com o seu público ou pesquisar a voga de um livro ou gosto das classes, a origem social dos autores etc.; todo o restante ficaria por conta da teoria literária. Por outras palavras, a intenção é delimitar, *limitar*, o campo de estudos da sociologia no que tange à análise e interpretação da obra literária¹² e expandir os *desafios* da crítica. O posicionamento de Candido é interessante e merece ser retomado, num momento oportuno. Digo isso, porque para o nosso argumento, importa, por ora, lembrar que o doutor em sociologia está inserido em circunstâncias institucionais muito específicas; além disso, conforme lemos na entrevista, ele está se referindo a um tipo de sociologia muito específica, a saber, a sociologia durkheimiana ensinada na Universidade de São Paulo na década de 1940/50. Candido se posiciona contrariamente a um modo de pensar sociológico local, considerando tal perspectiva restrita, o que não deixa de ser um limite de sua crítica, afinal, as sociologias são muitas, ele o sabe muito bem, mas nesses momentos específicos não fez questão de ressaltar isso.¹³

Frente a isso, digo, aos limites de uma sociologia, Candido propõe um novo programa de estudo da literatura, que, por sua vez, não deve priorizar nem a perspectiva sociológica, nem a estética, mas um “ponto de vista” que possa fundir as duas em uma única perspectiva, a saber, a chamada “Crítica Integrativa”. O assunto já tinha sido indicado em sua tese de livre-docência em 1945 e está presente em toda sua obra: começando pelo livro *Introdução ao método crítico de Silvio Romero*, passando pela sua obra capital, mais conhecida como *Formação da literatura brasileira – momentos decisivos*, continuando em *Literatura e sociedade* e alcançando *O discurso e a cidade*, publicada nos anos de 1990. Nesses diferentes “momentos decisivos”, Candido entende que diante da literatura não podemos falar de verdade ou de verossimilhança, mas de uma coerência que o autor obedece ao fazer literatura, tornando, por sua vez, a obra literária muito próxima da realidade de onde este mesmo autor partiu. O realismo presente na

¹² Segundo Candido, merecem destaque alguns estudos de sociologia orientado para o fato literário, dentre eles, no Brasil, o de Silvio Romero, *História da Literatura Brasileira* (1888), enquanto na Europa chama atenção para a obra do inglês Q. D. Leavis, *Fiction and the reading public* (1932), do alemão, Levin Schücking, *Sociologia do gosto literário* (1931), e do húngaro, Georg Lukács, *Romance Histórico* (1936/37). Conferir Antonio Candido, *Literatura e sociedade*, *op. cit.*, pp. 10-11 e p. 14.

¹³ Interessado em situar Antonio Candido dentro das ciências sociais brasileira é o estudo de Luiz Carlos Jackson. “A tradição esquecida - estudo sobre a sociologia de Antonio Candido”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 16, nº. 47, Outubro/2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n47/7724.pdf>; consulta site em junho/2017.

literatura é um resultado literário ou, em outros termos, é forma literária ali representada.¹⁴ Claro que a produção de Candido é vastíssima e não se limita a estes quatro livros supracitados, contudo, são neles em que estão sistematizados o que ele entende por crítica integrativa, bem com a superação da sociologia e da análise estética. Para não me alongar mais, queria citar uma longa passagem de Candido impressa no prefácio do livro *O discurso e a cidade*, que sintetiza bem o problema:

O meu propósito é fazer uma crítica integradora, capaz de *mostrar* (não apenas enunciar teoricamente, como é hábito) de que maneira a narrativa se constitui a partir de materiais não literários, manipulados a fim de se tornarem aspectos de uma organização estética regida pelas suas próprias leis, não as da natureza, da sociedade ou do ser. No entanto, natureza, sociedade e ser parecem presentes em cada página, tanto assim que o leitor tem a impressão de estar em contacto com realidade vitais, de estar aprendendo, participando, aceitando ou negando, como se estivesse nos problemas que eles suscitam [...] O crítico deve tê-la constantemente em vista, embora lhe caiba sobretudo averiguar quais foram os recursos utilizados para criar a impressão de verdade. De fato, uma das ambições do crítico é mostrar como o recado do escritor se constrói a partir do mundo, mas gera um mundo novo, cujas leis fazem sentir melhor a realidade originária. Se conseguir realizar esta ambição, ele poderá superar o valo entre “social” e “estético” [...] mediante um esforço mais fundo de compreensão do processo que gera a singularidade do texto.¹⁵

Segundo Candido, portanto, a obra literária expõe uma realidade que lhe é própria, que originalmente tem relação com a sociedade da qual aquela obra e aquele escritor fazem parte, mas que ao transpor para o texto, o autor acaba estilizando os fatos e as coisas, dando um novo sentido ao que antes era mero fato social. Candido entende que o escritor toma os dados da realidade, submete-os à fantasia e produz algo que, apesar de muito parecido com a realidade, é outra coisa. Por outras palavras, interessa ao crítico, não a relação da literatura com a sociedade, ou o modo como a sociedade aparece na obra; o que interessa de fato é a transformação da sociedade em texto, isto é, o externo torna-se interno, e a realidade original foi transformada numa outra realidade, reduzida estruturalmente no texto. Poderíamos dizer que se trata de método de leitura imanente

¹⁴ Não tenho condições de demonstrar o que Candido entende por forma e conteúdo, estilo literário etc., mas o leitor pode encontrar dedicada reflexão em Leopoldo Waizbort, *A passagem do três ao um*, op. cit., pp. 87-262. Conferir neste mesmo autor e obra estudo mais detido acerca dos livros de Antonio Candido sobre sociologia e crítica.

¹⁵ Antonio Candido. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993, pp. 9-10.

(interna) da obra literária, embora combinando com a análise histórica. É um método que é histórico e estético ao mesmo tempo, de modo que a literatura se converte num *organon* da história. A literatura seria, ela mesma, a história.¹⁶

Esta fórmula ricamente original é um verdadeiro método de ensino e pesquisa que Antonio Candido nos legou com sua magnífica obra. Os desafios e limites para construir um novo campo de estudos geraram um tal conjunto de conhecimentos para o estudo do texto e contexto em sua interação dinâmica, que as análises aqui expostas não teriam condições de abarcar. Antes, meu interesse tem sido mais localizado e restrito, buscando repassar alguns dos seus desafios epistemológicos, que não deixam de expor alguns limites enfrentados frente a elaboração da crítica.

III.

Vimos que, em função dos limites da sociologia durkheimiana, Candido se coloca o desafio de construir novos métodos de análise da sociedade, ela mesma tornada forma literária. De acordo com ele, o que interessa é a análise literária em si, o modo como a realidade social se tornou forma. Embora seja importante ressaltar que tudo aquilo que ocorre na vida, em todo seu caos e completude, não sucede ao romance, por exemplo. Porque o romance organiza o caos. Mas de que maneira? Certa coerência e vontade do autor estão sempre estruturados na obra. O escritor toma os dados da realidade, os submete à fantasia e produz algo que não é igual da realidade. É outra coisa, embora a realidade seja ali reconhecida. O que interessa não é a interface do texto com a sociedade, mas a transformação da sociedade em texto, algo que Candido intitula como “redução estrutural”, a saber, o externo, a realidade social, torna-se interno, transforma-se em texto. O contexto se converte em texto.

Ele, portanto, propõe um novo programa de estudo da realidade social através de literatura. Ele não privilegia nem a perspectiva sociológica, nem a estética, pois seu programa combina a duas coisas em uma única perspectiva, a chamada crítica integradora. A tarefa da crítica integradora é mostrar como o contexto se transformou em texto, como a realidade aparece exposta na literatura. Quando nos debruçamos sobre qualquer obra de literatura percebemos como a sociedade parece estar presente em todas as páginas do texto, tanto é que nós leitores sentimos que estamos em contato com a

¹⁶ A referência constante continua sendo Leopoldo Waizbort, *A passagem...*, *op. cit.*

realidade vital. Trata-se de um novo mundo recriado pela literatura, muito mais organizado, orientado, um outro universo de sentido. A literatura põe organização no caos que é a realidade social. Mesmo quando a literatura é caótica, seu “caos é calmo” e organizado. Completamente diferente da vida. Daí a literatura nunca ser um reflexo da realidade, ela é outra realidade, uma segunda realidade, como dizia Octavio Ianni, no memorável ensaio “A sociologia e o mundo moderno” (1989).

Não há, portanto, separação entre o social e o estético, mas uma relação dialética entre texto e contexto. Para capturar essa segunda realidade, Candido criou um conceito-chave chamado “sistema literário”. O sistema literário é formado pela interação dinâmica entre obra-autor-público – e uma tradição literária que lhe dê significação. A obra é uma comunidade de evidências transpostas em forma, os temas, as imagens, os estilos, não é propriedade de nenhum gênero específico, não é um fenômeno espiritual, é o trabalho concreto de um escritor e toda uma constelação de participantes: editores, impressores, tradutores, críticos, comerciantes etc. O escritor tem o vocabulário, a sintaxe, as técnicas, é o realizador da obra literária. Porém, a obra expõe a realidade e o público, os leitores, são aqueles que dão um destino, um significado para o autor e sua obra. O problema é quando um desses elementos da tríade está ausente ou é muito precário, como no caso da ausência de público ou destinatários com pouca disposição para compreender determinada literatura. O analfabetismo, a pobreza, a escravidão, as condições de existência, as desigualdades sociais, tudo isso interfere na vida literária e condiciona o sistema da literatura no século XIX brasileiro, objeto de estudo de Antonio Candido.

Abrindo um pequeno parêntese, é importante destacar, em passos rápidos, que a assertiva de Candido sobre nossos problemas estruturais do século XIX é bastante correta, cabendo aqui apenas uma ressalva sobre a questão das ausências de públicos leitores e parte do problema da educação no Brasil oitocentista. Em sua pesquisa histórica Candido parece não ter tido acesso a algumas fontes primárias importantes sobre os públicos de literatura e a educação, o que não deixa de ser um sinal de um dos limites de sua crítica; justificável, é claro, mas digno de nota. Explico-me: no século XIX, na capital do Império, Rio de Janeiro, para dar um exemplo localizado, houve uma série de iniciativas privadas educacionais que alcançaram o espaço público e carecem de atenção: precisamos reconhecer que havia classes noturnas para educação de adultos no Rio de

Janeiro, formando em meio a uma década (1870-1880), e com um currículo qualitativamente exemplar, mais de seis mil estudantes no Liceu Literário Português; havia gabinetes de leitura (como o Gabinete Português de Leitura, 1837) com imensas bibliotecas particulares abertas ao públicos, com ampla circulação de livros, sobretudo, de literatura, sendo este público formado por homens e mulheres advindos dos estratos médios e baixos da sociedade carioca. Eram em sua maioria amantes da literatura europeia vertida para o vernáculo, o que faz de tais públicos os responsáveis por uma intensa de circulação de impressos, sobretudo, romances no século XIX. Fizeram movimentar, conjuntamente, com tradutores, editores, tipógrafos etc., localizados na capital do Império, um verdadeiro mercado livreiro portador e suporte de autores como Alexandre Dumas e Ann Radcliffe, que não foram objeto de estudo de Antonio Candido. De Alexandre Dumas Candido até tratou em um ensaio memorável sobre a vingança, mas de Ann Radcliffe, uma escritora inglesa de sucesso entre os leitores brasileiros, pouco se sabe. Isso, porque este notável intérprete do Brasil não se ocupou de tais autores para compreender a formação de um público literário, ele mesmo localizado para além de nossas elites letradas. O fato de ter se concentrado em textos canônicos para pensar o público leitor oitocentista ofereceu um recorte importante, por um lado, mas um limite, por outro, pois parece que a formação da leitura no Brasil oitocentista não passou pelos textos canonizados de Balzac, Stendhal, Goethe ou Machado de Assis, mas pela literatura de entretenimento. Tais fontes sobre escola de adultos e formação de públicos para além dos círculos dirigentes – localizados numa espécie de “apêndice da sociedade de corte”, dentro da comunidade de emigrantes portugueses e comerciantes do Rio de Janeiro –, não foram parâmetros para Candido, talvez, por conta do seu acesso limitado a determinadas fontes, o que não deixa de impor limites a sua crítica sobre nossa “debilidade cultural”. De fato, era uma realidade débil, precária, em que reinava, conforme sintetiza Candido, uma “incultura geral”, todavia, alguns acontecimentos particulares que ficaram invisíveis aos seus olhos, talvez, tivessem criado outro universo de sentido sobre literatura e subdesenvolvimento¹⁷ (fecha parêntese).

¹⁷ Sobre novas fontes e pesquisas literárias e históricas sobre o século XIX brasileiro ver *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*, organização Márcia Abreu, Editora da Unicamp, 2016.

Retomando: diante disso, é importante repassar suas teses reunidas no ensaio “Literatura e subdesenvolvimento” (1979). Dentre várias, interpreto algumas para o leitor:

1º) talvez hoje, no final do século XX, as coisas tenham mudado, mas até a meados de 1950, os escritores brasileiros (e também em outros países da América Latina), segundo Candido, estavam condenados a produzir para uma minoria com disposições para a leitura;

2º) outro problema é que ao garantir acesso do povo às obras de literatura, esse acesso costuma ser precário ou desigual. Pois os processos formativos não se dão de forma total e humanizadora, ao contrário, a educação é enviesada, porque são transmitidos valores e ideais de uma classe superior sobre às outras, vistas como inferiores. A seleção do que se lê e como se lê se dá ao longo de uma vida, fazendo com que uma população outrora analfabeta e sem disposições e competências literárias, agora acesse somente aquilo que é de interesse de um grupo específico;

3º) em sociedades em processo de desenvolvimento urbano e conquistas democráticas, como a brasileira, a televisão, o rádio e o entretenimento de revistas assumem o lugar da leitura mais qualificada.

4º) no Brasil saímos do folclore para a cultura de massa, sem termos acesso a outros bens culturais.

5º) a dominação de culturas estrangeiras também tem sido determinante para nossos problemas estruturais e culturais. Trata-se de um problema de dependência econômica e cultural que pode ser bastante nocivo, como importar padrões sociais que não condizem com nossa realidade.

A partir da exposição desses diferentes problemas estruturais, pergunto: como Candido os compreende e aponta uma direção? A resposta está num ensaio de 1989, sobre a defesa dos direitos humanos e da educação, intitulado “O direito à literatura”.¹⁸

Candido entende, portanto, que a educação é um direito, uma necessidade em que são garantidos a todos os homens processos necessários de formação, que envolvem não somente processos de ensino e aprendizagem, mas autodesenvolvimento, crescimento

¹⁸ Ver Antonio Candido. “O direito à literatura”. In: *Vários escritos*, 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, pp. 171-193.

interior com potencialidades de reverberações, de expansão, porque toda formação individual deve ser compartilhada.

Segundo ele, a educação no Brasil nasceu mergulhada numa atmosfera de crise, no sentido de que, como um direito universal (gratuita, pública e para todos), ela demorou a se tornar uma realidade. Mas antes de tratarmos da educação, precisamos compreender o que Candido está chamando de “direito humano”.

Os direitos humanos são necessários e abandonar a discussão dos direitos humanos é jogar fora a oportunidade de refletir sobre os processos verdadeiros de cidadania, de reconhecer o outro e eu mesmo, de saber quais são as necessidades mais vitais, e que sem isso só nos resta ceder à barbárie civilizada do mundo contemporâneo, que valoriza os direitos, mas o direito ao consumo, à propriedade, ao lucro, ao benefício, à hierarquia, ao privilégio, à indiferença etc.

A luta pelos direitos humanos, atualmente tão desvirtuada, é um começo e um desafio importante. Quem acredita nos direitos humanos procura transformar a possibilidade teórica em ação, em realidade, sintetiza Candido. É sinistro sabermos que há a possibilidade de construir soluções para alguns dos nossos problemas, mas nada é feito nesse sentido, antes se consente com tudo, começando pelos direitos mais básicos, como o direito a viver com dignidade e o direito à educação, por exemplo.¹⁹

“a educação pode ser um instrumento para convencer as pessoas de que o é indispensável para uma camada social não é para outra”. De que, por exemplo, não é necessária uma formação escolar de qualidade, basta obter um diploma para se ter êxito profissional e humano. Conseqüentemente, a educação, os processos formativos, não passam de um serviço que pode ser negociado, mercantilizado, comercializado, como qualquer mercadoria.

Porém, a educação não é um serviço, é um “bem incompressível”, isto é, que não pode ser negado a ninguém. São bens incompressíveis: o vestuário, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão, o direito à crença, à opinião, ao lazer, à arte e à literatura, ou melhor, à educação ou à formação, sintetiza ele.²⁰ Educar é formar, ou seja, é participar de um processo intenso de desenvolvimento e

¹⁹ Sigo lendo Antonio Candido, “O direito à literatura”, *op. cit.*, p. 172.

²⁰ Conferir Antonio Candido, “O direito à literatura”, *op. cit.*, p. 175.

aprendizagem dos homens e do mundo. É, portanto, uma necessidade vital, que está sendo deixada de lado, pois no lugar da formação tem existido apenas o treinamento.

Há necessidades que não podem ser deixadas de lado, e não são satisfeitas por conta da desorganização humana, da corrupção, da barbárie civilizada que banaliza os estragos mais diversos na sociedade, que desdramatiza os problemas, esvazia seu sentido. É preciso lutar para garantir todos os direitos incompressíveis, estando entre eles à educação, a formação humana. Formar-se é uma necessidade universal e buscar satisfazê-la constitui uma prerrogativa, um direito. Não há equilíbrio individual e social sem formação. É fator indispensável de humanização.

Humanização, segundo Candido, é um processo que confirma no homem aqueles traços que imputamos como essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.²¹ A educação confirma ao homem sua humanidade, e se humaniza é porque faz viver. Formar-se implica um impulso constante de vida. Pressupõe construção, organização, atribuição de sentido as coisas, compreensão. E como compreender implica ação, tomar posição frente às injustiças sociais é um exercício da cidadania, da luta pela realização dos direitos do homem. Logo, o poder da formação é grande, poderoso, daí ser tão negligenciado, banalizado, barbarizado, mercantilizado, como um bem que se torna desprezível e barato, podendo ser vendido em qualquer comércio ou mercado. Se a formação, a educação, nos humaniza, negar isso aos homens é mutilar nossa humanidade.

O convite de Antonio Candido, em um dos seus ensaios de 1999, intitulado “A dimensão utópica da ilustração”, é irmos à luta. Mas não qualquer luta, mas a luta popular é nosso desafio. Segundo ele, ela é a única que pode fazer a inversão estrutural em nosso país. Sua assertiva sobre a educação é que as possibilidades de saber têm de ser finalmente abertas para todos, por meio das lutas sociais e políticas adequadas. Trata-se, na verdade, da necessidade de reformar as estruturas. Mas Candido não vê as reformas de maneira negativa. As reformas nas estruturas, segundo ele, é que o permitem realizar as verdadeiras reformas do ensino.

²¹ Conferir Antonio Candido, “O direito à literatura”, *op. cit.*, p. 182.

Marx, na Introdução da *Crítica da filosofia do direito de Hegel* (1843), expõe todo seu radicalismo quando diz que em nossa luta não devemos usar a crítica apenas para balançar o edifício tentando reformá-lo com novas ideias, necessitamos arrancar os pilares. Marx afirmava isso num momento em que a revolução proletária era eminente e apontava para a aurora de novos tempos. Marx só não sabia que toda aquela mobilização social, todas as ideias que fomentaram aquele momento de radicalismo não se sustentaram, antes levaram a inúmeras derrotas do proletariado e da revolução. Diferentemente de Marx, Antonio Candido não conheceu nenhuma vitória, mas todas as derrotas do século XX até o presente momento. Sua proposta não é de um simples projeto de reforma, mas de um desafio para permanecermos na luta, lançando novas ideias e programas que possam servir de impulso para novas ações, mesmo que os limites sejam grandes. Se tudo isso soa bastante utópico, limitado, lembro aquilo que Walter Benjamin (*Passagens*, 1982) nos desafiava a pensar sobre o que vem a ser uma atitude impossível, mas que pode ter uma repercussão revolucionária. Ele dizia que era preciso ser tal como a criança, que, ao tentar pegar a Lua, aprende a agarrar as coisas.